

# Visões diferenciadas de Israel nas histórias em quadrinhos

DIFFERENT VIEWS OF ISRAEL IN GRAPHIC-NOVELS

*Roberto Elísio Santos*

Livre-docente em Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, professor da Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

E-mail: roberto.elisio@uscs.edu.br

Recebido em 16 de agosto de 2016. Aprovado em 9 de novembro de 2016.

## Resumo

Este artigo propõe a apreciação de quatro relatos contemporâneos a respeito da tensão entre israelenses e palestinos, assim como da vida em Israel, tendo como ponto de partida histórias em quadrinhos produzidas por diferentes roteiristas e desenhistas. Por meio de levantamento documental e de análise de conteúdo, pretendeu-se identificar, a partir de aspectos estéticos e narrativos da Nona Arte, a representação feita pelos artistas da crise política e religiosa daquela região. Do jornalismo político ao relato de viagem, essas histórias compõem um painel amplo de uma questão atual que se estende além dos limites geográficos.

**Palavras-chave:** Histórias em quadrinhos. Israel. Narrativas.

## Abstract

This article proposes an examination of four contemporary stories regarding the tension Israeli-Palestinian conflict, as well as the life in Israel, taking as a starting point comics produced by different writers and designers. Through documentary survey and content analysis, it was intended to identify, from aesthetic and narrative aspects of the Ninth Art, the representation made by the artists of the political and religious crisis in that region. From political journalism to travel report, these stories make up a broad panel of a current issue that extends beyond the geographical boundaries.

**Keywords:** Comics. Israel. Narratives.

## Introdução

Palco de conflitos há milênios, a região do Oriente Médio, mais especificamente da Palestina, tem sua situação agravada nos últimos setenta anos, desde a criação do estado de Israel, no final da Segunda Guerra Mundial. Se, por um lado, do ponto de vista histórico, encerrou-se o ciclo colonial europeu, por outro, teve início o acirramento das relações entre palestinos e judeus quanto à delimitação das fronteiras e aos locais sagrados para cada comunidade.

No âmbito da ficção midiática, diversos produtos (romances literários, filmes) têm abordado essa questão desde o início da década de 1960, sendo a adaptação cinematográfica do best-seller *Exodus* um exemplo. Mas, no que se refere às histórias em quadrinhos, esse tema se restringe a poucas publicações, normalmente *graphic-novels*<sup>2</sup>. Dessa forma, esta pesquisa partiu da seguinte problematização: de que forma os autores de histórias em quadrinhos atuais representam Israel e o confronto político, étnico e religioso que acontece nessa região?

O objetivo deste trabalho é, portanto, analisar as narrativas gráficas sequenciais voltadas para o leitor adulto, com vistas a compreender, no tocante aos elementos estéticos e narrativos, como Israel e o conflito entre judeus e palestinos são apresentados pelos quadrinistas. Para cumprir esse propósito, foi feita uma pesquisa documental e uma análise de conteúdo com base na semiologia francesa. O corpus é composto pelos álbuns *Palestina: na faixa de Gaza*, do jornalista maltês Joe Sacco (2003), *Crônicas de Jerusalém*, feito pelo cartunista canadense Guy Delisle (2013), *How to understand Israel in 60 days or less*, produzido por Sarah Glidden (2011), e *Not the Israel my parents promised me*, realizado por Harvey Pekar e J. T. Waldman (2013). Vale salientar que os autores dos dois últimos títulos são judeus estadunidenses.

No que se refere à inovação presente neste trabalho, pode-se destacar dois aspectos. O primeiro concerne ao tema, a questão política atual do Oriente Médio, que é tratado por meio de histórias em quadrinhos – um produto cultural que, tradicionalmente, é voltado para o entretenimento de uma grande quantidade de leitores e que normalmente

2 Segundo García (2010, p. 16), “sem dúvida, ‘novela gráfica’ é só um termo convencional que, como de costume, pode ser enganoso, porque ele mesmo não dá a entender que nos referimos a uma história em quadrinhos com características formais ou narrativas de novela literária, nem tampouco a um formato determinado, senão, simplesmente, a um tipo de quadrinho adulto moderno que exige uma leitura e uma atitude distinta dos quadrinhos de consumo tradicional”. As *graphic-novels* diferenciam-se por sua distribuição (normalmente em livrarias e lojas especializadas e não em bancas), por serem autorais e por terem um tratamento gráfico e uma forma de impressão e de encadernação mais sofisticados. Uma vez que visam ao leitor adulto, tratam de temas existenciais, políticos e sociais que não são costumeiros nas publicações comerciais e periódicas (A tradução desta citação, assim como das demais, é do autor).

apresenta situações fantásticas e distantes da realidade. Já o segundo diz respeito à diversidade estética e narrativa presente nas *graphic-novels* analisadas neste trabalho: cada autor percebe e retrata Israel a partir de sua postura política ou cultural e da maneira como utiliza recursos artísticos (roteiro e desenho).

## O jornalismo engajado de Joe Sacco

*Palestina: na faixa de Gaza* (2003) é resultado de reportagens e entrevistas feitas, na década de 1990 e no início do século XXI, pelo jornalista e quadrinista maltês (radiado nos Estados Unidos) Joe Sacco. Independente como artista e repórter, o autor não segue os preceitos de “neutralidade”, “objetividade” e “distanciamento” pregados pela grande imprensa. Nesse sentido, toma partido de uma das partes envolvidas no confronto, a dos palestinos, e denuncia as ações do governo israelense no que concerne à ocupação cada vez mais acentuada da Palestina, derrubando casas e construindo novos assentamentos, ao mesmo tempo que intensifica o boicote à população dos territórios. Em consequência, os palestinos reagem promovendo revoltas (chamadas “intifadas”).

Do ponto de vista da estética e da temática dos quadrinhos, Sacco é herdeiro dos *comix underground*, quadrinhos surgidos a partir da metade da década de 1960 no contexto da Contracultura, que têm como característica tratar de temas voltados para o leitor adulto (sexo, política, drogas, crítica à sociedade e ao comportamento tradicional) e a oposição à produção *mainstream*, comercial, que se apoia em fórmulas facilmente reconhecidas pelos leitores, a exemplo das histórias protagonizadas por super-heróis. Entre os principais nomes desse movimento destacam-se Robert Crumb, criador da revista *Zap Comix*, e Gilbert Shelton. Danky e Kitchen (2009, p. 20) apontam algumas características desses quadrinhos inovadores e provocadores (para a época): “linguagem sem restrições, representações gráficas de sexo, defesa do uso recreativo de drogas e, algumas vezes, extrema violência”.

Mazur e Danner (2014, p. 23), apesar de reconhecerem a diversidade dos *comix*, consideram que “a estética underground era um olhar áspero e espontâneo, que se arriscava a pecar pelo excesso de desordem, até mesmo de ilegibilidade, em vez de parecer uma publicação sofisticada ou comercial”. Para Santos (2015, p. 45), na maior parte dos casos, esse estilo pode ser considerado “sujo” – para “se diferenciar do ‘estilo limpo’ do quadrinho comercial” –, marcado “pelo uso de hachuras, manchas de tinta e sombras fortes”. E acrescenta: “alguns de seus criadores possuem um estilo cartunesco e outros fazem uma arte mais expressionista”.

Sobre o álbum *Palestina: na faixa de Gaza*, Mazur e Danner (2014, p. 237) afirmam:

Joe Sacco foi o pioneiro no gênero de “jornalismo em quadrinhos” com esta série de relatos na primeira pessoa de experiências e encontros em Israel e na Palestina. Influenciado graficamente por Crumb (ele próprio já envolvido com jornalismo em quadrinhos), o trabalho de Sacco combinava memórias e reportagem, demonstrando o potencial dos quadrinhos, junto com prosa e filme/vídeo, como um meio para um jornalismo profundo e emocional. Os elementos específicos de quadrinhos, incluindo caricatura e exagero – no caso de Sacco, a inclusão do artista/repórter como personagem –, levantam questões próprias, forçando o jornalista a enfrentar a inevitável subjetividade da atividade jornalística.

Na visão de García (2010, p. 241-242), Joe Sacco, “que emergiu das fileiras dos quadrinhos alternativos”, é um dos grandes nomes da novela gráfica contemporânea, “que promove um tipo de relação entre os quadrinhos e a realidade” devido a sua produção jornalística que utiliza a linguagem da narrativa gráfica sequencial. O autor espanhol ressalta que o quadrinista “tem realizado suas grandes reportagens para si próprio, e não para empresas jornalísticas, aplicando com absoluta liberdade os princípios subjetivistas do ‘Novo Jornalismo’ [movimento iniciado nos Estados Unidos após a Segunda Guerra, quando escritores queriam usar técnicas literárias no fazer jornalístico] aos quadrinhos”. E afirma ainda: “De fato, Sacco, que se coloca como mais um personagem em suas histórias, aproximando-as do quadrinho autobiográfico, explora todos os recursos que os quadrinhos põem a sua disposição e que ficariam de fora de uma simples reportagem escrita”.

O uso da linguagem dos quadrinhos para reportagens jornalísticas não é recente, mas tem se acentuado com a emergência das *graphic-novels*. Duncan e Smith (2009, p. 265-266) consideram que essa prática do jornalismo “certamente tem reconhecido muitas vozes sub-representadas ao chamar a atenção para grupos oprimidos. O jornalismo em quadrinhos representa acontecimentos reais colocados no formato de quadrinhos”. Para esses autores, “ao contrário dos relatos apáticos do jornalismo objetivo, o jornalismo em quadrinhos oferece uma interpretação subjetiva da matéria”. Em relação ao trabalho de Sacco, Wolk (2007, p. 121) afirma que o artista usa um estilo cartunesco distorcido e caricatural, acrescentando que “seus desenhos baseiam-se em observações acuradas, mas seu estilo indica que suas histórias são interpretações subjetivas dessas observações”.

A atuação jornalística de Sacco envolve principalmente a cobertura de áreas envolvidas em conflitos bélicos, principalmente motivados por diferenças étnicas ou religiosas. É o caso de *Área de segurança Gorazde: a guerra na Bósnia Oriental 1992-1995* (2001), que tem como pano de fundo a guerra entre sérvios, bósnios e croatas, que seccionou a antiga Iugoslávia. O conflito entre israelenses e palestinos também foi tratado em *Palestina: uma nação ocupada* (2000) e *Notas sobre Gaza*

(2010) – sendo que esta última mescla reportagem e pesquisa histórica sobre o massacre ocorrido em 1956, envolvendo o exército de Israel e civis palestinos.

No caso de *Palestina: na faixa de Gaza*, Sacco, ao mesmo tempo que descreve visualmente as condições de vida da população palestina, colhe depoimentos a respeito da intifada (revolta popular) contra o governo de Israel, que ocorreu no final da década de 1980. O repórter representa-se como personagem, expõe suas convicções, ou suas incertezas, e sente-se embaraçado quando uma idosa afirma que há muitas promessas, inclusive de estadunidenses, para mudar a situação e firmar um acordo de paz (Figura 1). Muitas vezes, para cumprir sua agenda, o jornalista aparenta um distanciamento em relação às pessoas e aos fatos que presencia; em outras ocasiões, mostra-se impotente diante daquela realidade.



**Figura 1.** Na primeira vinheta, o repórter acompanha sua fonte, e, na segunda, é mostrada a cena descrita pelo depoente; o balão de fala interliga os dois momentos

Fonte: Sacco (2003)

As imagens desenhadas por Sacco formam uma retórica visual – as ruas de terra, a lama, as poças de água, o lixo esparramado, as casas precárias sem vidro nas janelas (por onde o vento frio e o granizo entram) –, que, somada aos testemunhos dos entrevistados, leva o leitor a tomar uma posição no que tange ao conflito. Sacco também não se preocupa em ouvir israelenses e deixá-los expor seus motivos e opiniões. Seu trabalho tem objetivos definidos: expor uma situação opressiva, divulgando-a por meio de álbuns de quadrinhos e tentando fazer seu público tomar conhecimento da causa palestina e, talvez, posicionar-se diante dela (Figura 2).



**Figura 2.** Sacco (ao fundo da primeira vinheta) descreve visualmente o túmulo da primeira vítima da revolta palestina de 1987

Fonte: Sacco (2003)

A falta de neutralidade do trabalho jornalístico de Sacco se contrapõe à frieza e ao comprometimento velado da grande imprensa. Dificilmente a imprensa escrita, jornais televisivos e radiofônicos ou portais de notícias colocam em evidência as pessoas que vivem as consequências do conflito em seu dia a dia, seja em relação à precariedade da vida em Gaza, devido aos embargos de Israel, seja pela repressão por parte dos soldados israelenses ou pela ocupação do território com a construção de novos assentamentos judaicos. Os noticiários costumam dar destaque a conflitos entre os dois lados sem oferecer ao público informações que esclareçam as motivações de cada povo.

## Relatos de viagem

Dos álbuns selecionados para serem analisados neste trabalho, dois pertencem à mesma categoria narrativa, *Crônicas de Jerusalém* (2013), de Guy Delisle, e *How to understand Israel in 60 days or less* (2011), de Sarah Glidden. Eles são fruto de viagens empreendidas pelos autores e dos fatos por eles percebidos e que se mantiveram em suas memórias. Embora as narrativas feitas por Joe Sacco contendam elementos da memória do autor, ele recorre aos registros feitos por meio de entrevistas com testemunhas dos eventos sobre os quais discorre, como é usual na cobertura jornalística.

Delisle e Glidden, por outro lado, assemelham-se ao *flâneur*, que, para Benjamin, é o personagem emergente das páginas da literatura urbana do século XIX, fruto da sociedade burguesa. Esse habitante das cidades

[...] vagueia em meio à multidão, fora de casa, mas à vontade como se em casa estivesse; sentindo-se olhado por tudo e por todos, centro do mundo, mas também vendo a tudo e a todos, escondido, insondável em seu meio; descobrindo um país exótico e distante, mas que não é outro senão aquele, bem perto, no qual vive (BENJAMIN, 1989, p. 35).

Procurando menos a diversão proporcionada pela vida nas ruas e nos acontecimentos que nela ocorrem, Delisle e Glidden são testemunhas de culturas diferentes da sua. A autora estadunidense, especialmente, busca a compreensão de um povo que é o seu, mas que, ainda assim, lhe é estranho, diferenciando-se pelo modo de vida, de pensamento e de conduta.

Esses álbuns de quadrinhos aproximam-se da narrativa autobiográfica pelo recorte do relato de viagem. De acordo com El Refaie (2012, p. 3):

O gênero dos quadrinhos autobiográficos gera oportunidades novas e fascinantes tanto para quadrinistas como para autobiógrafos. De um lado, os criadores de quadrinhos autobiográficos, que são provenientes de uma ampla gama de formação, constantemente desconsideram as normas e convenções estabelecidas e inventam novas técnicas narrativas. [...] Por outro lado, a autobiografia tem sido muito enriquecida pelos desenhos e pelos recursos formais na tradição sociocultural dos quadrinhos, que oferecem novas possibilidades para o relato autobiográfico.

As raízes dos quadrinhos autobiográficos começam no movimento dos comix underground nos Estados Unidos no início dos anos 1970, quando artistas inicialmente produziam histórias subversivas e frequentemente sexualmente explícitas feitas para adultos baseadas em suas próprias experiências.

No entender de El Refaie (2012, p. 40), relato de viagem e autobiografia podem se misturar: “Quando tais narrativas de experiências cotidianas são ligadas à jornada ou à prolongada estadia em um país estrangeiro, as fronteiras entre autobiografia de um lado e relato de viagem de outro podem tornar-se nebulosas”. É o caso de *Crônicas de Jerusalém*, álbum que – da mesma forma que outras obras em que Delisle mostra suas andanças por Pyongyang (Coreia do Norte), Myanmar (Birmânia) e Shenzhen (China) – retrata sua estadia em Israel.

O autor é o *flâneur* contemporâneo, o artista a trabalho ou que acompanha a mulher (que trabalha para a organização Médicos Sem Fronteiras) e cuida dos filhos enquanto observa as pessoas, as paisagens e os contrastes políticos e culturais dos locais para onde viaja. Ele percorre as ruas de Jerusalém, perscrutando as diferenças culturais, que se

encontram nas vestimentas, nas atitudes, na fala etc. Minúcias do dia a dia ganham uma dimensão maior para seu olhar. O diferente atrai sua atenção, uma vez que ele se sente estranho naquele novo contexto (Figura 3).



**Figura 3.** Detalhes do cotidiano: Delisle percorre as ruas de Jerusalém, observa lugares e pessoas e interage brevemente com seus habitantes.

Fonte: Guy Delcourt Productions (2011)

De forma diferente de Sacco, o conflito entre israelenses e palestinos fica distante de sua vida, não é o motivo de sua peregrinação. A situação política é abordada em sua narrativa quando sua mulher, que trabalha em Gaza, não pode cruzar a fronteira com Israel porque as autoridades fecharam o acesso devido a um embate entre militantes e soldados. Em outro momento, o autor acompanha duas mulheres ativistas que protestam contra o muro que divide a Faixa de Gaza de Jerusalém, separando os dois povos. Um tumulto no meio da multidão que tenta atravessar gera uma reação violenta por parte dos soldados. Como um turista pego de surpresa, Delisle fica aturdido, mais preocupado com a sacola de compras que carrega (Figura 4).



**Figura 4.** O autor presencia, atônito, incidente na fronteira entre Israel e a Faixa de Gaza

Fonte: Guy Delcourt Productions (2011)

As diferenças culturais que Delisle observa dizem respeito a grupos específicos. Durante o Ramadã, mês sagrado para os muçulmanos, em que se deve rezar e jejuar, o cartunista perambula pelas ruas de Jerusalém comendo uma fruta. Só quando um homem vestido como árabe olha para seu alimento é que o artista se dá conta de que, sem intenção, está ofendendo uma tradição, mas continua a devorar. Ele estranha que a vizinha muçulmana saia coberta da cabeça aos pés sob o clima quente de Israel, e que judeus ultraortodoxos vistam-se como na década de 1930, mas usem telefone celular e se revoltam quando carros passam pelos bairros em que habitam no Shabat (sábado), dia em que não é permitido praticar nenhuma atividade nem usar tecnologias. Na Igreja do Santo Sepulcro, onde Jesus estaria enterrado, ele observa as distinções entre religiosos de várias comunidades cristãs que cuidam do local.

Se o olhar de Delisle é o de um turista gentio que percebe as diferenças a partir de seus referenciais culturais, o de Glidden é de uma judia estadunidense pertencente a uma família não religiosa. Com uma postura de esquerda, ela critica a dominação israelense

na Palestina, defende a paz e o reconhecimento dos direitos dos palestinos. Ela decide participar de uma excursão promovida pelo governo de Israel voltada para jovens judeus que moram em outros países. Embora seja cética em relação aos objetivos dessa viagem patrocinada, faz, também, uma jornada para conhecer melhor suas raízes e tentar compreender a realidade atual do lugar. Ao chegar a Israel, e contra todos os avisos contrários, entra no lado oriental do mercado, onde comerciantes muçulmanos vendem suas mercadorias, mas sem antes misturar ironia e receio pela ousadia (Figura 5).

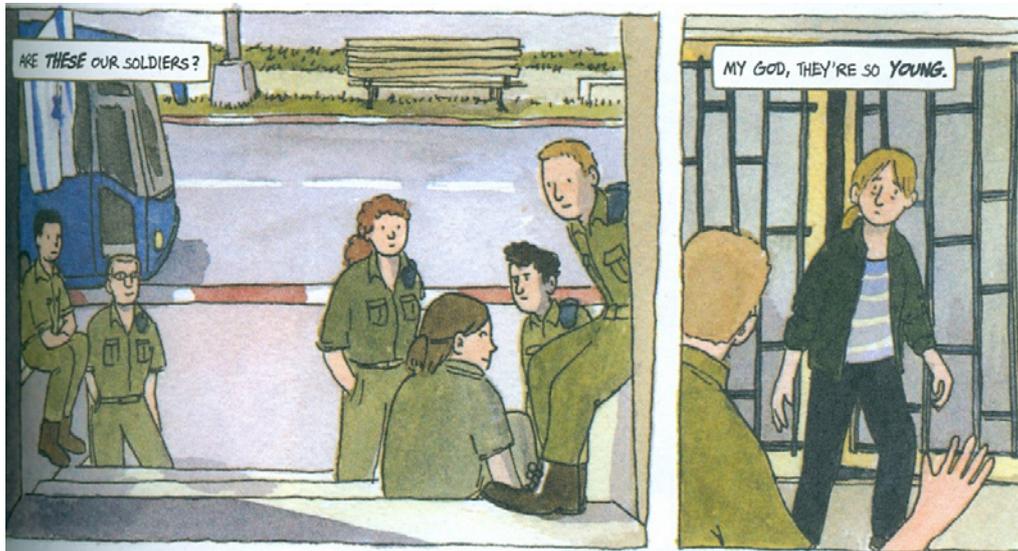


**Figura 5.** Glidden contempla o lado oriental de Jerusalém e toma coragem para entrar no mercado gerido pelos muçulmanos para comprar sandálias

Fonte: Sarah Glidden (2010)

Desconfiada em relação à propaganda pró-Israel que permeia o passeio dos judeus não israelitas, Glidden questiona o discurso oficial, às vezes piegas e patriótico, sobre os primeiros colonos judeus a chegarem ao lugar no início do século XX, fugindo dos Programs (programas de extermínio de populações judias que ocorreram em diversos países europeus). Em alguns momentos, sente-se indignada por não haver, nos discursos, referências aos palestinos, que foram deslocados de suas terras e se encontram oprimidos e em péssimas condições de subsistência. Mas fica emocionada com a trajetória de seu povo, que conseguiu construir um país em uma área desolada, seca e quente, cercada por inimigos. Seus sentimentos são contraditórios: saindo do auditório após ouvir uma

palestra idolatrando os corajosos pioneiros, depara com um grupo de jovens soldados, cuja tarefa é proteger os membros da expedição. Espanta-se com a idade baixa dos jovens fardados, cuja mocidade é tolhida em um país em constante ameaça de guerra (Figura 6).

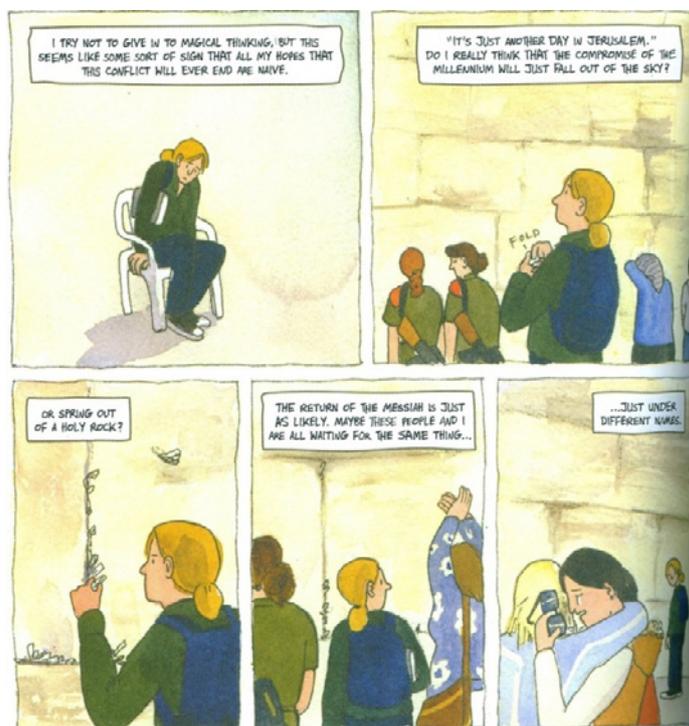


**Figura 6.** A juventude dos soldados israelenses surpreende a autora

Fonte: Sarah Glidden (2010)

Diante do Muro das Lamentações, Glidden sente-se dividida novamente, ora pelo ceticismo, ora pela vontade de acreditar em uma tradição religiosa que ela não possui – da mesma forma que outras pessoas ao seu lado, que se emocionam e choram diante da parede de rochas. Mostra-se cindida também pela realidade de um país que, por um lado, luta para sobreviver e, de outro, impõe condições duras a seus vizinhos. A artista escreve em um pedacinho de papel uma mensagem de paz para colocar na fresta da pedra, mas o papelzinho se rasga – ela se indaga e se desespera, imaginando ser a premonição de que a paz é impossível para ambos os povos –, mesmo assim ela deposita seu desejo no vão da muralha.

Glidden tenta conhecer a Faixa de Gaza para verificar as condições de vida dos palestinos a fim de comparar ao discurso e à situação do lado israelense, mas não obtém sucesso. Ao final da viagem, mostra-se em dúvida quanto aos sentimentos que tem por Israel. Ainda defende a paz entre israelenses e palestinos, mas ela percebeu as dificuldades de um povo que – foi hostilizado, massacrado e separado do restante da sociedade durante milênios – lutou para construir um lugar, um refúgio para outros membros da mesma etnia e que compartilham uma cultura e uma religião próprias (Figura 7). A autora comportou-se menos como *flâneur*, tendo realizado uma jornada pessoal de autoconhecimento e de reconhecimento de seu grupo.



**Figura 7.** Emoções e dúvidas no Muro das Lamentações

Fonte: Sarah Glidden (2010)

## Memória pessoal, história e crítica

Embora nunca tenha estado em Israel (ele tentou receber um visto, mas foi recusado), o roteirista estadunidense Harvey Pekar evoca as memórias dos pais, ambos imigrantes europeus – a mãe, sionista-socialista, e o pai, religioso –, suas próprias recordações da infância e da juventude e as pesquisas realizadas em bibliotecas públicas e particulares (Figura 8). Já no final da vida – o autor faleceu antes de concluir a obra que tem como título uma afirmação categórica: “Não é Israel que meus pais me prometeram”, que reflete sobre as tensões naquela região que se arrastam por tempos e que não caminham para uma solução pacífica.

Pekar é mais conhecido por ter produzido a publicação underground *American Splendor*, para a qual escrevia histórias (desenhadas por diversos artistas, inclusive Robert Crumb) sobre sua vida, suas ações cotidianas – como a ida ao supermercado – ou seu trabalho como arquivista em hospital, em que faz reflexões a respeito de suas atitudes e do comportamento e da opinião de pessoas comuns, como ele. Sua trajetória foi retratada no filme *Anti-herói americano* (2003), dirigido por Shari Springer Berman.



**Figura 8.** Em suas memórias de infância, Pekar testemunhou a alegria de seus pais quando o Estado de Israel foi criado

Fonte: Harvey Pekar/JT Waldman (2012)

Alternando dados que levantou em pesquisa feita no acervo de livros de um amigo do desenhista J. T. Waldman com suas memórias pessoais da infância e adolescência, Pekar aborda o conflito israelense-palestino desde os textos bíblicos (a divisão das terras ocorrida após a morte de Salomão) até a criação do Estado de Israel após a Segunda Guerra Mundial. No âmbito da memória, destaca sua dificuldade para aprender hebraico e a posição crítica que desenvolveu na juventude, quando passou a debater suas ideias com pessoas de esquerda. Do ponto de vista estético, a *graphic-novel* apresenta três estilos diferentes: um para a narrativa bíblica ou histórica feita a partir das leituras do autor, outro para suas memórias e o terceiro para o presente, quando o roteirista e o ilustrador dialogam e tentam entender as causas da tensão entre os dois povos.

## Considerações finais

Com base nas análises realizadas, é possível distinguir traços comuns e diferenciados entre os quatro títulos que compõem o corpus desta pesquisa. As semelhanças são encontradas na observação feita pelos quatro autores do embate político entre Israel e Palestina, embora em escalas distintas. Pekar, por exemplo, trata da questão sem ter visitado o lugar, apenas a partir de suas memórias, leituras e conversas com outras pessoas. Os demais criadores viajaram e permaneceram na região por determinado tempo.

Joe Sacco interage com a população palestina e escrutina suas fontes, usando critérios jornalísticos, mas parciais, uma vez que não aborda o lado israelense e não dá voz a quem o defenda. No entanto, ele retrata uma realidade incontestável, provocada pelo governo de Israel. Delisle e Glidden não são repórteres e seu relacionamento com as pessoas é fortuito. Ambos passeiam por Israel, embora a artista estadunidense tenha uma preocupação com a crise que se agrava, ao mesmo tempo que procura entender o país a partir de sua origem judaica. Delisle, por outro lado, apenas testemunha os contrastes e as tensões entre os habitantes. As referências de Pekar provêm das lembranças da infância e juventude e da vasta pesquisa bibliográfica que empreendeu.

Em suma, as quatro narrativas gráficas sequenciais permitem várias reflexões sobre um problema complexo e atual, que envolve questões étnicas, religiosas, econômicas e políticas de difícil resolução envolvendo dois povos dominados e perseguidos ao longo da história.

## Referências

- BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas, v. 3).
- DANKY, J.; KITCHEN, D. *Underground classics: the transformation of comics into comix*. New York: Abrams ComicArts; Chazen Museum of Art, 2009.
- DELISLE, G. *Crônicas birmanesas*. 2. ed. São Paulo: Zarabatana Books, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Crônicas de Jerusalém*. São Paulo: Zarabatana Books, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Pyongyang: uma viagem à Coreia do Norte*. São Paulo: Zarabatana Books, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Shenzhen: uma viagem à China*. São Paulo: Zarabatana Books, 2009.
- DUNCAN, R.; SMITH, M. J. *The power of comics: history, form, and culture*. New York: Continuum Press, 2009.
- EL REFAIE, E. *Autobiographical comics: life writing in pictures*. Jackson: University Press of Mississippi, 2012.

- GARCÍA, S. *La novela gráfica*. Bilbao: Astiberri, 2010.
- GLIDDEN, S. *How to understand Israel in 60 days or less*. New York: DC Comics, Vertigo, 2011.
- MAZUR, D.; DANNER, A. *Quadrinhos: história moderna de uma arte global*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- PEKAR, H.; WALDMAN, J. T. *Not the Israel my parents promised me*. New York: Farrar, Straus & Giroux, 2013.
- SACCO, J. *Área de segurança Gorazde: a guerra na Bósnia Oriental 1992-1995*. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Notas sobre Gaza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Palestina: na faixa de Gaza*. São Paulo: Conrad, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Palestina: uma nação ocupada*. São Paulo: Conrad, 2000.
- SANTOS, R. E. Aspectos da linguagem, da narrativa e da estética das histórias em quadrinhos: convenções e rupturas. In: VERGUEIRO, W.; SANTOS, R. E. (Orgs.). *A linguagem dos quadrinhos: estudos de estética, linguística e semiótica*. São Paulo: Criativo, 2015.
- WOLK, D. *Reading comics: how graphic novels work and what they mean*. Cambridge: Da Capo Press, 2007.